
Jovens Comunicadores: Uma experiência em comunicação Popular¹

Daniela ARAUJO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A partir dos paradigmas conceituais da comunicação popular e de diferentes práticas criadas, mantidas e reinventadas ao longo das últimas décadas, observa-se a construção da Rede Jovens Comunicadores (JC) no Rio de Janeiro iniciada durante o primeiro ano da pandemia de COVID 19. As mudanças técnicas e metodológicas experimentadas por este coletivo foram abordadas na perspectiva da transformação vertiginosa do cotidiano nas comunidades e de como os meios digitais foram utilizados para a implementação de um processo de comunicação popular em territórios periféricos na cidade a partir de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular. Periferia Urbana. Juventude. Meios digitais. Covid 19.

INTRODUÇÃO:

Os primeiros registros de movimentos de apropriação da comunicação para fins populares de mobilização na América Latina datam entre as décadas de 1960 e 1980, e são relatados por diferentes autores latinoamericanos. Segundo Jorge González, em 1981 a publicação de 15 artigos sobre este tema, promovida pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), contribuiu para ampliar o aprofundamento do campo naquele momento, concebendo a existência e consolidação do que o autor chama de “outras comunicações”. Este é um ponto de partida para pensarmos o nosso processo de constantes transformações no fazer popular da comunicação, considerando as mudanças como parte dos processos, buscando a construção de linhas narrativas que nos ajudem a contar nossas experiências, nossas memórias e nossas criações. Indagando se, de fato, toda essa gama de fazeres e experiências poderiam ser nomeadas da mesma forma e questionando a romantização das lutas sociais por meio da apropriação das estratégias

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação da ECO-UFRJ, e-mail: daniela.araujo@ufrj.br

de comunicação na época, o autor destaca a necessidade de aprofundamento dos estudos para delimitação do campo.

(...) Assim, com o tempo, dentro do campo acadêmico da comunicação na América Latina, temos feito muitas descrições de formas de comunicação às que temos justa posto diferentes adjetivos (popular, alternativa, rebelde, subalterna), mas todavia sabemos muito pouco quanto às estruturas que explicam sua especificidade e muito menos seus processos sociohistóricos que explicam por que são deste modo e não de outro. De fato, faz muita falta melhorar o trabalho dos estudos concretos, especialmente na revisão de literatura anterior, porque parece que os títulos se reinventam e redescobrem décadas depois, como se nada tivesse acontecido. (GONZÁLEZ, 2011, p. xii, tradução da autora)³

No Brasil, naquele mesmo período de efervescência política, organizações de base comunitária, sindicatos e movimentos estudantis lançavam mão das estratégias de comunicação para articular seus pares. Cartazes, folhetos e outros impressos de formatos experimentais produzidos pelos grupos foram as estratégias mais comuns. Há relatos, também, de experiências de rádios comunitárias buscando a comunicação entre pares com finalidade de mobilização. No início da década de 1990, em Niterói, é iniciada a primeira experiência de TV comunitária da Cidade, a Associação Experimental de Mídia Comunitária, Organização da Sociedade Civil (OSC), conhecida como BemTV, com o objetivo de viabilizar a produção de conteúdos relevantes com e para a comunidade. Ao longo dos anos, a organização vem incorporando outras linguagens como fotografia, textos para jornal impresso, desenvolvimento de aplicativos e, mais recentemente, conteúdos para as redes sociais, culminando então na experiência de comunicação popular apresentada neste artigo. Após quarenta anos desde a experiência Mexicana que baseia a ponderação de Gonzáles (OP.Cit) e trinta e um anos após o início da atividade de TV comunitária na Cidade de Niterói, resgata-se a

³(...) “Así, con el tiempo, dentro del campo académico de la comunicación en América Latina, hemos ido haciendo muchas descripciones de formas de comunicación a las que les hemos yuxtapuesto diferentes adjetivos (popular, alternativa, rebelde, subalterna), pero todavía sabemos muy poco de las estructuras que explican su especificidad y mucho menos de los procesos sociohistóricos que explican por qué son de ese modo y no de otro. De hecho, hace mucha falta mejorar el oficio de los estudios concretos, especialmente en la revisión de la literatura anterior, porque parece que los títulos se reinventan y redescubren décadas después, como si no hubiera pasado nada.” (GONZÁLEZ, 2011, p. xii).

necessidade de estudos quanto às estratégias destas experiências e o que considera-se comunicação popular neste contexto:

(...) a comunicação popular é aquela produzida pelo povo e para o povo com o objetivo de alterar a realidade social de uma determinada comunidade ou grupo social. O público destinatário, nesse projeto, é similar ao emissor. A comunicação deve ser feita coletivamente, e as pautas tratadas nesses veículos devem ser alternativas aos assuntos reservados à grande mídia. (FELIX; FRAGOSO; COSTA, 2018, p.03).

O limite geográfico não é, no entanto, suficiente para configuração de uma comunicação popular, tampouco o território geopoliticamente definido pode dar conta da diversidade de experiências possíveis. As dinâmicas sociais em comunidades, favelas e morros, independem de definição ou delimitações conceituais externas para construir suas relações socioculturais e estão no cotidiano de uma dura realidade partilhada nas bases para configurações de relações e de trocas entre seus habitantes. Se por um lado faltam oportunidades, por outro as possibilidades do mundo se materializam em ocasiões, oportunidades cocriadas que, silenciosamente ou não, disputam e produzem seus ordenamentos.

O mundo oferece as possibilidades: e o lugar oferece as ocasiões. Não se trata aqui de um "exército de reserva" de lugares, senão da produção raciocinada de um espaço, no qual cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função dos atores hegemônicos, cuja eficácia depende doravante de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico. (SANTOS, 1994, p.24)

Por ocasião da pandemia e da necessidade de enviar e receber informações com a finalidade de autoproteção local, nasce o projeto “Jovens Comunicadores” (JC). Atualmente, em seu terceiro ano, a ação já alcançou oitocentos adolescentes e jovens distribuídos em diversas comunidades de Niterói, São Gonçalo e os territórios que compreendem a grande Pavuna e o complexo da Maré, no município do Rio de Janeiro, trezentos a mais do que o primeiro ano da ação, em 2020. As delimitações da comunicação popular desenvolvidas por importantes professores pesquisadores como Cecília Peruzzo e Raquel Paiva são importantes portas de entrada para o campo, suas

pesquisas são citadas e reconhecidas entre pares como a professora Doutora Carla Baiense Felix que sintetiza:

Neste sentido, a comunicação popular é aquela produzida pelo povo e para o povo com o objetivo de alterar a realidade social de uma determinada comunidade ou grupo social. O público destinatário, nesse projeto, é similar ao emissor. A comunicação deve ser feita coletivamente, e as pautas tratadas nesses veículos devem ser alternativas aos assuntos reservados à grande mídia. (FELIX, 2017, p.100)

Para além das inovações tecnológicas evidentes na comunicação contemporânea, notam-se novas pautas que mobilizam novas estratégias, neste sentido, gênero e raça, temas que até pouco tempo ainda dispunham de pouco espaço no debate público, ganham força no âmbito da comunicação em diálogo com autores referenciados em suas pesquisas, como Muniz Sodré. Muniz, além do vasto trabalho em comunicação, agrega, ainda, a pauta da mídia na agenda do racismo estrutural, fortalecendo a rejeição do negro na memória coletiva a partir do seu poder de pauta a agendamento dos comportamentos sociais⁴, tema de grande relevância para um trabalho centrado em experiências populares em comunidades e favelas, onde a maior parte dos inscritos se declara preta ou parda. Vale destacar que a rede Jovens Comunicadores não é apenas um canal ou experiência em comunicação, mas também acima de tudo um processo de construção de conhecimento em rede, a partir dos realidades partilhadas, sejam elas mazelas ou potências que se dão no vínculo social intangível ou invisível no sentido do comum proposto por Sodré.

...comum como o conceito de uma ausência ou um “nada” constitutivo, não apenas do que é visível no vínculo social, mas principalmente do comum que não se vê, o “despercebido imanente”. (SODRÉ, 2014 p.199)

Como processo educativo, as etapas de produção de uma comunicação, do planejamento ao produto, é abordada como parte fundamental para a construção do conhecimento entrelaçando os atos de educar e comunicar, imbricando ambas as áreas

⁴ Entrevista Muniz Sodré Disponível em: <https://cultne.tv/educacao/sala-de-aula/97/sala-de-aula/video/2578/comunicacao-e-racismo-prof-dr-muniz-sodre> Visitado em 11/10/21

no fortalecimento das pautas comuns, partindo do conceito de educador, (Kaplún, 1998).

Foi o jornalista argentino Mário Kaplún (1998), referindo-se ao voluntário ou profissional capaz de mediar processos de jornalismo alternativo e projetos de rádio comunitária, quem propagou inicialmente o termo “Educomunicador”. O nome, disseminado por Kaplún, inspirou o termo "Educomunicação", porém o conceito tem sido ampliado, atualizado e reformulado com grande contribuição de autores como Martín Barbero. (ARAUJO, 2012 p.14)

A ação se propõe a pensar uma educação emancipadora, Freire (1985), uma intercessão entre os campos de educação e comunicação no contexto popular, apoiando-se no trabalho de Jesús Martín-Barbero em seu notável esforço em qualificar a perspectiva em contexto latinoamericano. Agrega-se ainda, no contexto das redes, Manuel Castells que nos aporta a base para entendermos os desafios da ação na consolidação de vínculos desta rede de sujeitos e territórios. Pierre Lévy apresenta-se como possibilidade de composição deste tecido contribuindo no entendimento da relação entre real e virtual, entendendo-o como potência e não uma oposição ao real. Segundo o autor, a “árvore está virtualmente na semente”, ou seja, está na semente a potência de ser árvore. Essa perspectiva traz conceitos importantes para entendermos o percurso dos JC na criação de relações reais em meio digital.

DO PARADIGMA À EXPERIÊNCIA

O projeto, concebido e implementado pela BemTV durante os primeiros meses da pandemia, surgiu como uma ação emergencial baseada em três principais objetivos: Manutenção de vínculo com os jovens e suas comunidades, apoio ao acesso à informação segura e confiável, especialmente sobre as diretrizes sanitárias, e apoio à manutenção da vida a partir da garantia de renda. Após adaptação das metodologias de formação já implementadas pela organização, iniciou-se a primeira turma com 30 alunos que se encontrariam todos os dias durante 2 horas para participar das aulas e das atividades de produção e adaptação de conteúdos. A partir do reconhecimento das comunidades e apoiadores da organização novas turmas foram abertas e uma rede começou a ser tecida.

A rede constituída por jovens comunicadores é, portanto, um resultado deste movimento que parte de um processo formativo em comunicação em que são oferecidas atividades que abordam conceitos, práticas, usos e apropriações das linguagens comunicacionais para promoção da saúde⁵ nas comunidades, a partir da checagem de notícias, análise de conteúdos e identificação de notícias falsas. A ação JC se propõe a ser uma alternativa comunicacional, desenvolvendo estratégias que buscam um fortalecimento democrático, a partir da troca de informações entre pares, construindo um fluxo de envio e recebimento de mensagens sobre assuntos e temas de relevância comunitária segundo os próprios moradores destes territórios. Com uma lista de transmissão pessoal, de 256 contatos telefônicos por jovem, a rede tem alcançado diretamente, por meio digital, mais de duzentos mil moradores desses territórios; configurando, assim, uma perspectiva comunicacional que parte da ação comunitária em uma realidade urbana na busca da descentralização da comunicação.

Raquel Paiva em sua vasta pesquisa atualiza e aprofunda ainda mais nossas possibilidades de reflexão a partir da análise de uma experiência que, durante a pandemia, utiliza-se do whatsapp como veículo de capilarização da informação.

O uso do aplicativo WhatsApp – que já havia sido definido no último levantamento realizado pelo governo (de 2015) como uma ferramenta ainda a ser desbravada, com capacidade de capilaridade até então desconhecida – tem sido central no consumo de informações e na comunicação on-line. (PAIVA, 2020 p. 99)

O cenário de infodemia, um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa, conforme declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) abre um diálogo fértil entre a autora supracitada e a experiência dos Jovens Comunicadores.

⁵ O conceito ampliado de saúde é um dos avanços obtidos na 8ª Conferência Nacional de Saúde, de 1986. Inclui alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde como condições necessárias para se garantir a saúde. Em: http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf acessado em 30/06/200.

Jovens comunicadores

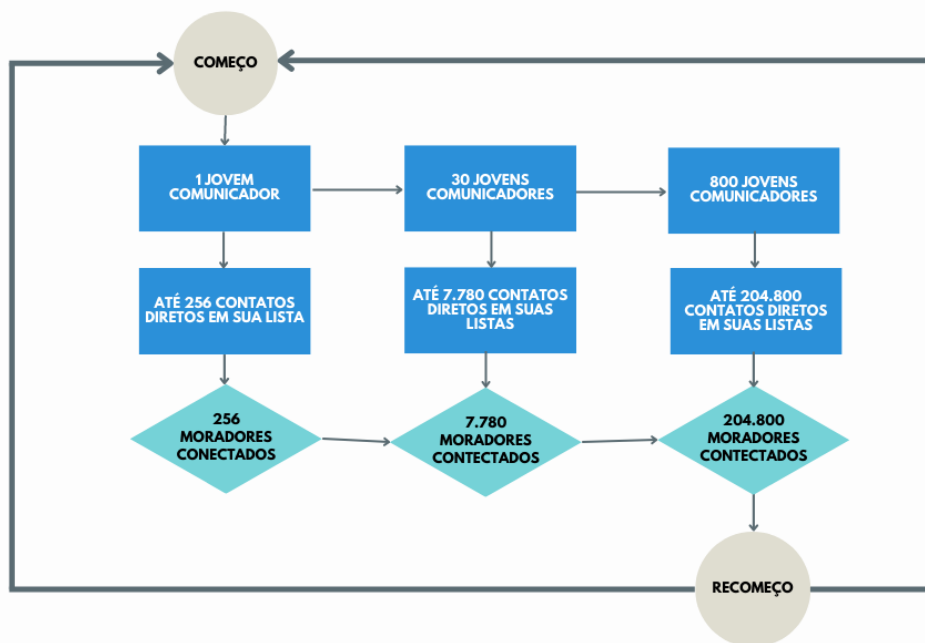


Figura SEQ Figura * ARABIC 1:Esquema de comunicação da rede Jovens Comunicadores via whatsapp

Vale ressaltar que a ação formativa, apesar de iniciada em 2020, durante os primeiros meses de afastamento social imposto pelas autoridades devido à disseminação da COVID 19, não é necessariamente nova. É resultado de uma trajetória iniciada em 1992, na fundação da organização social que mobiliza a rede e traz, na sua concepção, os princípios formativos acumulados ao longo dos anos: formação técnica de jovens nas áreas de comunicação (apropriação de ferramentas, códigos e linguagens), formação de rede (composição de grupos locais para mobilização comunitária), pesquisa sobre memória local, elaboração de diagnósticos de situação de vida da juventude negra e periférica, racismo estrutural, e fortalecimento das redes de auto proteção da juventude. Historicamente, a BemTV atuava fisicamente dentro das comunidades, oferecendo equipamentos e alimentação para manutenção das condições de participação. Dentro dos territórios, a circulação de profissionais, alunos e parceiros locais era premissa para o fortalecimento de vínculos e a discussão das pautas locais.

Com o início da pandemia, um novo modelo foi implementado e novos desafios postos à cena. Como garantir a continuidade da ação formativa sem estar fisicamente reunidos no território? Como trabalhar *online* com jovens sem estrutura material como equipamentos e acesso à *internet*? Por fim, como manter o vínculo entre os envolvidos? A primeira mudança foi garantir uma bolsa auxílio como estratégia para apoio financeiro aos jovens e suas famílias, posto que viabiliza, também, as condições mínimas de acesso à *internet*, condição primordial para conversão dos encontros presenciais para encontros por meio digital.

Inicialmente planejado para durar 3 meses, o processo de mobilização, formação e acompanhamento dos jovens foi organizado de modo a descentralizar a mobilização e ampliar o acesso. Para isso, a organização proponente da ação mobilizou parceiros locais, ou seja, em cada comunidade um coletivo ou organização social se encarregava de mobilizar e acompanhar um grupo de jovens. Deste modo, o primeiro grupo de 30 alunos foi composto e, em seguida, ampliou-se para mais parceiros, chegando aos primeiros 500 jovens.

De acordo com a proposta da rede JC, a ação é dividida em dois momentos: formação inicial e Agência jovem de comunicação. Na formação inicial, que pode durar 3 meses, os jovens acessam juntos um espaço de formação dedicado ao projeto, em uma plataforma gratuita na qual os conteúdos são disponibilizados diariamente em encontros síncronos. Nestes encontros, mediados por um educador da área de comunicação e um facilitador para cada 25 alunos, são abordados temas técnicos e conteúdos para as pautas. Além das aulas elaboradas pela equipe institucional, o cronograma formativo conta com a participação de convidados qualificados para cada tema, seja ele técnico ou temático.

Cada tema é apresentado, debatido e trabalhado com o grupo na forma de exercícios de síntese e produção coletiva para criação de conteúdos que, na medida em que são aprovados pelo coletivo, podem ser repassados em suas listas de transmissão. A transmissão é realizada de forma coordenada, em dias e horários pactuados entre os jovens. Comentários e questionamentos, recebidos em resposta ao conteúdo repassado, também são debatidos em *fórum* coletivo. Na plataforma⁶, os alunos podem, ainda,

⁶ Após a primeira turma a BemTV somou esforços junto ao Coletivo Pluriverso inaugurando juntos o conceito para o Portal Educonexão onde atualmente são realizadas as atividades síncronas e assíncronas. <https://pluriverso.online/> acessado em 30/06/2022

acessar materiais complementares para realização das atividades, debater em um grupo geral ou em *fóruns* temáticos específicos.

Além dos encontros síncronos, há conteúdos disponíveis para complementar o percurso formativo. *Links*, *pdfs* ou videoaulas gravadas são exemplos de suportes utilizados. Todos os encontros síncronos ficam gravados e disponíveis para aqueles que não conseguirem ter acesso ao vivo, os materiais produzidos pelo coletivo ficam organizados em pastas compartilhadas “na nuvem” na qual todos podem incluir ou acessar alguma produção, fortalecendo, assim, a troca e a cooperação entre os envolvidos e gerando um enorme banco de conteúdos.

A instrumentalização e a abordagem teórica oferecidas a estes jovens resultaram extremamente edificadoras de empoderamento sociocultural e possibilidades de construção e/ou transformação da realidade social a partir da linguagem e do discurso, evidenciando o reconhecimento de sujeitos posicionados historicamente na busca de sentidos. A cada turma uma série de novas questões são incorporadas ao coletivo, em um movimento contínuo e orgânico em constante diálogo entre pares, considerando que a comunicação popular vem se ressignificando ao longo dos anos e produzindo diferentes resultados, em especial e mais recentemente em meio digital, esse movimento de comunicação popular durante a pandemia sugere uma reconfiguração importante do comunicar comunitário. Nas centenas de comunicações produzidas está o registro de como estes jovens se apropriam, disputam e negociam as narrativas sobre sua própria realidade, por meio da análise desta ação.

O acompanhamento dos processos dos primeiros 500 jovens, mobilizados em 2020, aponta para diferentes apropriações narrativas e técnicas, trata-se, portanto, de um vasto acervo que pode identificar as estratégias e relacioná-las com o conceito de comunicação popular. Em 2021, quinhentos novos jovens foram formados com a manutenção da rede, em 2022, já são mais 200 adolescentes e jovens, assim, um lastro ainda mais amplo de possibilidades de análises se apresenta. Não se trata, portanto, de avaliar os seus ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades das estratégias de comunicação popular às quais um de seus usos nos levaria a formular sobre projetos que exploram as virtualidades que ela transforma e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 1999, p. 26).

Neste cenário, cabe, ainda, no bojo dos objetivos específicos, analisar quais os efeitos de uma experiência formativa baseada nos princípios da comunicação popular, em uma experiência singular, durante o isolamento social imposto pelas condições sanitárias postas pela disseminação do novo Coronavírus, na alteração da realidade social local. A partir do exposto, afirma-se a hipótese de que a comunicação popular, na periferia urbana do Rio de Janeiro, se apresenta como uma relevante ferramenta e a qualifica como um direito humano pressupondo a liberdade ao acesso à informação e o direito humano de receber e difundir ideias, sem prejuízo de silenciamentos ou limitações sociais, políticas e materiais. No contexto atual de fragilidade social, acentuado neste período de isolamento social e crise financeira, entender a comunicação como um direito humano que garante outros direitos torna-se uma pauta urgente dos movimentos sociais no campo da comunicação, salienta Adilson Cabral..

Compreende-se a Comunicação, portanto, como um direito humano fundamental componente determinante e comum de vários setores sociais, relacionado diretamente à construção de identidades e à produção de sentido nas relações cotidianas, capaz de contribuir para o incremento da qualidade nesses diferentes contextos e a própria valorização de outros direitos humanos fundamentais. (CABRAL, 2019 p.08).

Cicilia Peruzzo, em seu artigo sobre conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados, nos apresenta um panorama do percurso de apropriação e usos das variedades de abordagens possíveis, destacando a apropriação do termo comunitário pela grande mídia e, conseqüentemente, sua despolitização.

A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão comunicação comunitária para designar este mesmo tipo de comunicação, ou seja, seu sentido menos politizado. (PERUZZO, 2008 p.02).

Para além de uma experiência formativa no âmbito da comunicação, trata-se da construção de uma rede, seja pela estratégia de disseminação, seja pelo inevitável retorno por parte de quem recebe as mensagens. O mapeamento das mudanças estruturais e culturais da sociedade atual realizado por Manuel Castells indica que estamos vivendo um novo processo de transformação que teve início nos anos 1960 e 1970 e encontra-se, até hoje, em movimento. Ele afirma que esse processo foi desencadeado por três fatores principais. O primeiro deles é a revolução da tecnologia da informação, com o extraordinário avanço da informática e das telecomunicações encurtando distâncias, facilitando a comunicação, revelando novas e extraordinárias formas de armazenamento, desenvolvendo a capacidade de se fazer várias coisas ao mesmo tempo. O segundo fator se deu a partir da crise histórica do capitalismo e do estatismo, que levou ao surgimento do capitalismo financeiro e à globalização da produção e do comércio. E o terceiro se constitui na busca por uma sociedade em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta são fundamentais, com o crescimento de movimentos socioculturais. Para Castells, o resultado mais consistente desses três processos acima descritos foi a constituição do que ele chama de Sociedade em Rede: uma sociedade que prima por novas formas de sociabilidade, que valoriza a relação e vive a cultura da virtualidade, cujas funções e valores são organizados pela fragmentação e pela simultaneidade. Ele considera que “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado” (1999, p. 21).

Para o posicionamento em rede: a formação. Para a formação integral dos sujeitos: o resgate das memórias de lutas. Elaborada a partir do conceito de TV comunitária, a organização responsável pela ação (JC) articula, ainda, desde 2006, seu fazer ao conceito de Educomunicação⁷. Posto que a comunicação popular, enquanto prática, antecede a Educomunicação, enquanto conceito, e que toda a reflexão do campo se inicia antes da disseminação da *internet* como vivenciamos hoje, a presente pesquisa encontra sua relevância na mesma motivação evocada pelo autor que inaugura o campo, Mário Kaplún (1998) Elaborar e dar forma, não na mensagem como inicialmente

⁷ Educomunicação, segundo o professor Doutor Ismar Soares da Universidade de São Paulo (USP/SP), é "o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Educomunicação>. Acessado em 10/10/21.

sugerido, mas sim na elaboração dos processos e estratégias em desenvolvimento nas experiências populares de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da observação do primeiro ano da ação supracitada, afirma-se que há, em cena, uma busca por representatividade ao mesmo tempo em que há, também, uma noção de autorrepresentação nas comunicações produzidas pela rede de Jovens Comunicadores. A produção de sentidos na perspectiva construtivista de representação, onde linguagem e discurso compõem a ideia de que a realidade social é construída coletivamente e não apenas uma simples representação da realidade, parece ser um caminho viável.

Está em cena, também, a produção de sentidos e significados sociais (HALL, 2016) como reflexão permanente da BemTV na condução do processo. A experiência busca conectar, a partir da construção de conhecimentos, compartilhando o comum e fomentando o sentido de investigações e trocas, ressignificar o seu próprio fazer. Busca, desta maneira, negar a imposição da Educação à Distância (EAD) na perspectiva de uma educação que possa ocorrer mediada pela tecnologia, mas, ainda assim, sem vínculo de base territorial. Nega-se, também, a instrumentalização como alternativa mágica e absoluta que credita à tecnologia o poder da comunicação, para reposicionar o fazer coletivo.

Neste sentido, a BemTv propõe um movimento pouco comum entre as organizações sociais, buscando refletir e conceituar seu próprio fazer, a partir das referências freirianas de educação e na relação permanente de base comunitária. A OSC apresenta uma proposta metodológica para se adequar aos processos formativos online mantendo dinâmicas de base comunitária. Para isso, as aulas contam com momentos de escuta dos jovens e estimula que esses jovens apliquem escutas em suas comunidades a partir de suas listas de transmissão via *whatsapp*. No autorretrato, advindo das sistematizações feitas pela equipe, os jovens se reconhecem, compartilham potências e fragilidades, sabem quem partilha o desafio da falta de saneamento, dificuldades de renda, quantos são pais ou mães e ainda quem tem um negócio local ou ainda uma ação

cultural. Essa abordagem, nomeada de Educonexão, vem sendo construída coletivamente ao longo dos últimos dois anos e aparece pela primeira vez em um artigo coletivo sobre a vigilância popular em saúde (LATGÉ; ARAUJO; SILVA JÚNIOR. 2020). Ficamos aqui com mais um esforço de definição de Educonexão, entendendo-o como um compromisso teórico e prático para a construção de processos co-elaborativos com objetivo de potencializar a construção de conhecimentos de forma dinâmica, coletiva e dialógica, uma conexão educativa a partir da integração de ferramentas digitais somadas a uma epistemologia da prática para a valorização da polifonia de saberes.

No percurso desta experiência, cultura, educação e comunicação popular caminham juntos afetando-se mutuamente e contribuindo para o fortalecimento da ação nos territórios, mas sobretudo fortalecendo as lutas de cada comunidade na medida em que rompem barreiras sociais, educacionais e culturais na construção ou identificação de um comum que as constitui.

Ali, os atuais entrelaçamentos entre cultura e comunicação adquirem seu peso e relevo, sua referência não apenas aos efeitos da mídia e suas inovações tecnológicas, mas também às novas formas de sociabilidade com que as pessoas enfrentam a heterogeneidade simbólica e a incompreensibilidade da cidade, e cuja expressão mais verdadeira está nas mudanças que perpassam os modos de vivenciar o pertencimento ao território e os modos de viver a identidade. Mudanças que estão, se não determinadas, pelo menos fortemente associadas às transformações tecno-perceptivas da comunicação, ao movimento de desterritorialização e internacionalização dos mundos simbólicos e ao deslocamento de fronteiras entre culturas modernas/tradicionais, cultas/populares, letradas/audiovisuais, local/global. (BARBERO 1994 p.24, tradução da autora)⁸

Múltiplos territórios, juventudes e práticas diversas que não podem ser dissociadas deste recorte específico, mas que nos trazem uma proposta de reconfiguração do uso das ferramentas de comunicação populares e em rede já

⁸ Ahí adquieren su peso y su relieve las actuales imbricaciones entre cultura y comunicación, su remitir no sólo a los efectos de los medios y sus innovaciones tecnológicas, sino a las nuevas formas de sociabilidad con las que la gente enfrenta la heterogeneidad simbólica y la inabarcabilidad de la ciudad, y cuya expresión más cierta está en los cambios que atraviesan los modos de experimentar la pertenencia al territorio y las formas de vivir la identidad. Cambios que se hallan si no determinados al menos fuertemente asociados a las transformaciones tecnoperceptivas de la comunicación, al movimiento de desterritorialización e internacionalización de los mundos simbólicos y al desplazamiento de fronteras entre las culturas moderna/tradicional, culta/popular, letrada/audiovisual, local/global. (BARBERO 1994 p.24)

disseminadas como possibilidades de reinvenção, como frestas para novas transformações técnicas, metodológicas e interacionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Daniela Nunes. Educação e Comunicação: metodologias e conceituações a partir da experiência da Rede CEP (Rede Nacional de Experiências em Comunicação, Educação e Participação) entre 2004 e 2009. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, 2012.

BARBERO, Jesús Martin. Mediaciones urbanas y nuevos escenarios de comunicación. Editora Fundarte, 1994

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da Criação Verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CABRAL FILHO, A. V.; DANTAS TAVEIRA CABRAL, E. Cultura e comunicação como direitos humanos: aproximações diante da nova onda neoliberal. Liinc em Revista, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e5082, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i1.5082. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5082>. Acesso em: 5 out. 2021.

PAIVA, R. & SODRE, M. Comunitarismo e sociedade incivil. *Revista Famecos (impresso)*, v. 1, p. 121, 2019.

PAIVA, Raquel; SACRAMENTO, Igor. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil: Revista USP, 2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 2000.

FELIX, Carla Baiense; FRAGOSO, Mariana Pitasse; COSTA, Andrew. Entre o comunitário, o popular e o contra- hegemônico: limites teóricos e aproximações cotidianas. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 5, n. 10, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/15738>. Acesso em: 20 set. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 14ª ed. 1985.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KAPLÚN, Mário. *Una Pedagogía de la comunicación*. 1ed. Madri: Cofas, 1998.

LATGÉ, P. K.; ARAÚJO, D. N.; SILVA JÚNIOR, A. G. da. Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de COVID-19 – a experiência das comunidades de Niterói, RJ. *APS EM REVISTA*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 122–127, 2020. DOI: 10.14295/aps.v2i2.110. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/110>. Acesso em: 6 jul. 2022.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

PERUZZO, Cicilia; GONZÁLES, Jorge. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-82852008000200014&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 20 set. 2021

PERUZZO, Cicilia; GONZÁLEZ, Jorge; Trazos de otra comunicación en América Latina / Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, Red Danesa de Investigación en Nuevos Pensamientos sobre Ciudadanía, Autoridad y Espacio Público en América Latina, Universidad del Norte. -- Barranquilla, Col. : Editorial Universidad del Norte, 2011.

SANTOS. Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional / Milton Santos. - Local: São Paulo, HUCITEC, 1994.

SODRÉ, Muniz. Comunicação e Racismo. Cultne.TV. Sala de aula T1EP16. Disponível em: <https://cultne.tv/educacao/sala-de-aula/97/sala-de-aula/video/2578/comunicacao-e-racismo-prof-dr-muniz-sodre> Visitado em 11/10/21